

Quinhentismo: a Literatura no Brasil Colônia

O problema das origens da nossa Literatura não pode formular-se em termos de Europa, onde foi a maturação das grandes nações modernas que condicionou toda a história cultural, mas nos mesmos termos de outras literaturas americanas, isto é, a partir da afirmação de um complexo colonial de vida e de pensamento.

BOSI, Alfredo. *História da literatura brasileira*. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017. p. 11.

A origem da literatura brasileira está longe de ser brasileira, porque é marcada por sua condição colonial. As primeiras manifestações literárias do país são textos assinados por portugueses – no entanto, produzidos no e sobre o Brasil. O **Quinhentismo** é o nome genérico atribuído às primeiras produções literárias compostas pelos autores do Velho Mundo sobre os territórios descobertos pelo expansionismo marítimo do século XVI.

MANIFESTAÇÕES ESTÉTICO- -LITERÁRIAS DO QUINHENTISMO



A grande quantidade de textos do período versa sobre as paisagens percorridas e os locais encontrados. Tudo isso relatado em **crônicas de viagem**, um gênero literário documental e informativo. É assim que se inaugura a literatura brasileira: pelos discursos feitos pelos portugueses sobre a descoberta da Ilha de Santa Cruz. O Quinhentismo brasileiro constituiu-se, portanto, de uma **literatura informativa** sobre a terra e das produções realizadas no processo de catequização dos índios – a **literatura jesuítica**. Informar sobre o território e domesticar os gentios: essas foram as diretrizes das produções realizadas pelos europeus sobre o Novo Mundo.

O olhar europeu sobre os nativos, registrado nas literaturas informativas (cartas, tratados, diários, poemas), apresenta-se também, de modo não menos importante que o literário, em gravuras produzidas entre os séculos XVI e XVII. Tais produções, ao lado das representações literárias, permitem uma visão global dos fenômenos artísticos nesse contexto.

Há registros de que, desde meados do século XVI, havia artistas no Brasil. Em sua maioria, esses eram viajantes, alguns eram enviados pelos monarcas europeus para representarem as novas terras e torná-las conhecidas ao velho mundo, outros eram naturalistas, e havia ainda aqueles que fugiam de perseguição religiosa.

Merecem destaque nesse cenário as gravuras que ilustram a obra de Jean de Léry, *Viagem à terra do Brasil* (1578), e as que ilustram a terceira parte da obra *Grandes viagens* (1592), de Theodore de Bry, algumas feitas com base nos relatos do alemão Hans Staden.

Léry era protestante e viveu entre os tupinambás na Baía de Guanabara, àquela época conhecida como França Antártica, por ser uma colônia francesa. Assim Léry descreve os nativos:

Se quiserdes agora figurar um índio, bastará imaginardes um homem nu, bem conformado e proporcionado de membros, inteiramente depilado, de cabelos tosquiados como já expliquei, com lábios e faces fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes, com orelhas perfuradas e igualmente adornadas, de corpo pintado, coxas e pernas riscadas de preto com o suco de jenipapo, e com colares de fragmentos de conchas pendurados ao pescoço. Colocai-lhe na mão seu arco e suas flechas e o vereis retratado bem garboso ao vosso lado. Em verdade, para completar o quadro, deveis colocar junto a esses tupinambás uma de suas mulheres, com o filho preso a uma cinta de algodão e abraçando-lhe as ilhargas com as pernas.

LÉRY, J. D. *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. p. 118.

Junto a essa descrição, segue esta gravura, do próprio Léry:



Domínio Público

LÉRY, Jean de. *Família de tupinambás*. 1600. Xilogravura, 14 x 18 cm. In: *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique*. 4. ed. Genebra: Heritiers D'Eustache Vignon.

Acerca dessa ilustração, o estudioso colombiano Chicangana-Bayona chama a atenção para dois fatos: o primeiro é o de que a caracterização etnográfica dos nativos, na obra de Léry, praticamente limita-se à questão da indumentária, dos acessórios. As diferenças de biotipo – estatura, formas do corpo, formato do nariz, da boca, dos olhos – não se verificam ou não são significantes, sendo os índios tupinambás de Léry fisicamente muito semelhantes aos próprios europeus; o segundo é o fato de que os índios de Léry possuem corpos rijos e fortes e seguem o ideal de beleza e força físicas segundo os padrões clássicos greco-latinos, como, aliás, ditam as convenções do Renascimento. Esse segundo aspecto fica bem evidente quando se compara o guerreiro tupinambá de Léry com a obra *Davi*, de Michelangelo.

Observe:



Jörg Blittner Uma / Creative Commons

BUONARROTI, Michelangelo. *Davi*. Entre 1501 e 1504. Escultura, 517 x 199 cm. Galeria da Academia de Belas Artes de Florença, Itália.

Observe, agora, a gravura de Theodore de Bry:



Theodor de Bry / Domínio Público

BRY, Theodore de. Antropofagia tupinambá. In: STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. 1592.

A representação feita pelo ourives belga também aproxima, fisicamente, os nativos aos europeus e aos modelos clássicos, sobretudo as mulheres. Note-se, na imagem, que o físico dos índios não é distinto do de Hans Staden – prisioneiro dos Tupinambás, homem de barba representado ao fundo.

As diferenças, nesse caso, são estabelecidas pela nuance de cor (a pele dos nativos é mais parda e avermelhada, em contraste com a pele branca do europeu), pela presença da barba ruiva do alemão, em oposição ao rosto imberbe dos nativos, e também pelos gestos. As cenas em De Bry são quase sempre marcadas pela dramaticidade, pelo excesso de gestos ritualizados, o que às vezes as torna um pouco caricatas. No caso em questão, tem-se a representação do ritual de antropofagia, na maioria das vezes, incompreendido pelo europeu. O detalhamento minucioso e mórbido do ritual, a ênfase em aspectos exóticos ou macabros, deixa entrever um julgamento moral por parte do colonizador, que justificará o seu domínio, entre outros motivos, pela necessidade de civilizar o nativo, de livrá-lo da barbárie.

Outras produções artísticas de relevância datam de meados do século XVII e, embora tenham acontecido pouco mais de 100 anos após o descobrimento, é válido mencioná-las por seu importante caráter documental e pelo diálogo que pode ser estabelecido entre elas e os cronistas do século XVI. Os responsáveis por essas obras são os holandeses Frans Post e Albert Eckhout, que chegaram ao Brasil em 1637, a convite de Maurício de Nassau.

LITERATURA INFORMATIVA OU DE VIAGEM



A **literatura informativa** constitui-se das crônicas dos viajantes, que eram feitas para relatar ao Rei de Portugal as características físicas não só dos territórios avistados, mas também do povo que os ocupava. Duas eram as preocupações dos europeus: visualizar a riqueza, ou seja, os bens naturais a serem explorados, e ter consciência das condições de ocupação, inclusive sobre a resistência ou não dos habitantes locais. Diante de tal incumbência de tudo informar ao Rei e de fazê-lo de modo mais verossímil possível, era comum nas expedições a figura de um cronista nos navios, que tinha justamente o papel de relator das paisagens e de delator dos episódios.

Caberia ao cronista levar ao Rei as “imagens” do território percorrido e do povo encontrado, por isso as crônicas possuem uma linguagem extremamente descritiva e detalhista, composta por uma série de analogias. Algumas dessas crônicas eram documentos confidenciais da Coroa, porém outras circulavam nas cortes sob a forma de panfletos. Dentre esses documentos públicos, estavam aqueles escritos por Américo Vespúcio, navegador italiano responsável por descrever as primeiras imagens, do ponto de vista europeu, do chamado *Novo Mundo*. Veja, a seguir, um trecho retirado desse texto:

Vivem ao mesmo tempo sem rei e sem comando, e cada um é seu senhor de si mesmo. [...] Quantas vezes querem, desfazem os casamentos, nos quais não observam nenhuma ordem. Além do mais, não têm nenhum templo, não têm nenhuma lei, nem são idólatras. Que mais direi? Vivem segundo a natureza e podem ser considerados antes epicuristas do que estoicos. Entre eles não há mercadores nem comércio das coisas. Os povos geram guerras entre si sem arte nem ordem. Os mais velhos, com certos discursos, dobram os jovens para aquilo que querem e incitam para as guerras, nas quais matam cruelmente e mutuamente. E, aqueles que conduzem cativos de guerra, conservam não por causa da vida deles, mas para matá-los por causa de sua alimentação. Com efeito, uns aos outros, os vencedores comem os vencidos.

VESPÚCIO, Américo. *Novo Mundo*: as cartas que batizaram a América. Apresentação e notas de Eduardo Bueno. São Paulo: Planeta, 2003. p. 42-43. [Fragmento]

Nesse excerto, nota-se como os cronistas retratavam os ameríndios com explícita inferioridade. De modo a justificar a futura colonização, os indígenas são descritos, intencionalmente, como seres desprovidos de qualquer organização social ou de civilidade. Nesse sentido, despreza-se o arranjo social que estava em funcionamento e marca-se a necessidade de se instituir um novo. Ao defini-los como mais epicuristas que estoicos, Américo Vespúcio faz referência a duas correntes filosóficas gregas. Grosso modo, enquanto os estoicos prezavam pela racionalidade, os epicuristas, em oposição, valorizavam o prazer. Lembrando que, nessa época, o pensamento renascentista vigorava na Europa, essa fala do navegador revela, novamente, a ideia de superioridade de sua cultura – mais racional – em relação aos indígenas – ainda muito vinculados a sentimentos “primitivos”.

Também há um olhar condenatório, advindo do cristianismo, acerca das práticas conjugais e dos cultos religiosos. Sobre isso, é importante recordar que um dos objetivos dos colonizadores estava relacionado à expansão da fé católica nas Américas e, conseqüentemente, à imposição dessa religião aos povos indígenas. Por fim, é apresentada uma crítica aos rituais de guerra e à antropofagia. Em relação à última, boa parte de *Novos Mundos* se dedica a censurar o ritual e descrevê-lo de modo a causar horror ao possível leitor, fato que cria uma demonização ainda maior dos habitantes locais.

Além dos textos dessa natureza, as gravuras produzidas no período em questão representaram as paisagens e as características culturais e sociais, não apenas ampliando a visão fornecida pela literatura, mas tornando-se imagens de fundação nas representações artísticas brasileiras.

Em obras paisagísticas, etnográficas ou de natureza morta, Post e Eckhout registraram com precisão o universo dos trópicos, com sua fauna e flora típicas, bem como com seus habitantes. A riqueza das águas descrita na *Carta de Caminha* pôde ser visualmente comprovada pelas telas *Rio São Francisco* e *A cachoeira de Paulo Afonso*:



Domínio Público

POST, Frans. *Rio São Francisco*. 1638. Óleo sobre tela, 62 x 95 cm. Museu do Louvre, Paris.



Domínio Público

POST, Frans. *A cachoeira de Paulo Afonso*. 1649. Óleo sobre madeira, 58,5 x 46 cm. Museu de Arte de São Paulo, São Paulo.

É interessante notar, na tela *Rio São Francisco*, o destaque dado à vegetação e à fauna locais, que aparecem em primeiro plano. Mais importante ainda que o próprio destaque, é a maneira sutil com que ele é construído. Post, nesse e em outros quadros, faz questão de que os elementos típicos figurem em sua paisagem, se possível em evidência, mas pinta-os com a mesma sobriedade com que pintaria um cenário europeu qualquer e, portanto, consegue se afastar de construções estereotipadas e sensacionalistas do novo mundo como um lugar de exotismo e de excentricidade, muito comuns àquela época.

A sobriedade do estilo e a precisão da pintura também são características da obra de Albert Eckhout, que retratou os frutos típicos, em quadros de natureza-morta e, também, os nativos. Observe o quadro a seguir:



Domínio Público

ECKHOUT, Albert. *Mulher tapuia*. 1641. Óleo sobre tela, 272 x 165 cm. Museu Nacional de Copenhague, Dinamarca.

A representação do nativo feita por Eckhout, desprovida dos maneirismos de estilo e dos traços europeizantes, aproxima-se mais do real do que aquela vista nas gravuras do século XVI anteriormente analisadas. Note-se que o ritual de antropofagia também é referenciado, por meio das partes humanas que a índia segura ou carrega no cesto. A postura da mulher tapuia é espontânea, quase displicente, totalmente diversa da postura das mulheres antropófagas de De Bry, com gestos exagerados e bárbaros, o que revela a ausência de julgamento moral de Eckhout quanto ao ritual de canibalismo praticado entre algumas tribos indígenas brasileiras.

A naturalidade das representações de Post e de Eckhout, sobretudo do último, faz com que alguns críticos os classifiquem como artistas diferenciados e afirmem terem sido eles os que mais se aproximaram de uma representação verossímil do novo mundo.

A precisão da obra de Eckhout é tanta que ele consegue diferenciar, em suas representações, particularidades entre grupos indígenas. Os tapuias eram os índios que não pertenciam ao tronco linguístico tupi-guarani (daí a palavra *tapuia* significar algo como “bárbaro”, “inimigo”, “estrangeiro”) e que viviam em terras mais interioranas. Em relação ao grupo dos tupis-guaranis, os tapuias estavam mais ligados aos seus costumes originários, e a sua rusticidade é bem retratada na tela do pintor neerlandês.

Note-se a simplicidade do cesto e dos acessórios que porta a índia tapuia. Os tupis-guaranis viviam mais próximo ao litoral e apresentavam uma sociedade mais complexa, se comparados aos tapuias. E esse traço distintivo não passou despercebido na obra do artista. Observe:



Domínio Público

ECKHOUT, Albert. *Índia tupi*. 1641. Óleo sobre tela, 274 x 163 cm. Museu Nacional de Copenhague, Dinamarca.

A índia tupi de Eckhout, diferente da tapuia, apresenta mais acessórios, o cesto é mais bem trabalhado e ela carrega, inclusive, uma cerâmica. Merece destaque, nesse cenário, a presença de uma habitação ao fundo; pelo fato de viverem no litoral, os índios tupis acabavam ficando próximos da incipiente civilização. O elemento local está presente na figura da bananeira.

As representações dos trópicos, ao lado dos relatos de viagem ou talvez até mais do que eles, foram significativas para a construção do Novo Mundo no imaginário social europeu.

Dentro do contexto histórico vivenciado por Portugal e pelo Brasil, a *Carta de Pero Vaz de Caminha* ao Rei Dom Manuel sobre o achamento da Ilha de Vera Cruz foi o relato mais significativo. Essa crônica é considerada o texto fundacional da literatura brasileira, a “certidão de nascimento” do país. Esquecida durante muitos séculos, somente no oitocentismo a *Carta de Caminha* ganhou notoriedade, principalmente porque o momento histórico era adequado para isso: a Independência do Brasil. Os escritores e pintores românticos passaram, assim, a cultuar a *Carta*, a exaltar a figura do índio como o “Bom Selvagem”, o que já vinha sendo divulgado pela filosofia de Rousseau.

Foi desse modo que, definitivamente, a missiva de Caminha ao Rei português se consagrou dentro da tradição literária brasileira. Veja, a seguir, a linguagem descritiva presente na *Carta*, o que reitera o intuito informativo e histórico dela:

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber. Os cabelos seus são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobrepenete, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas.

[...] Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal como se lá também houvesse prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo que o capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela: não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como espantados. Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; e, se alguma coisa provavam, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água em uma albarrada. Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora. Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhes dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos. Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não o queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar.

CASTRO, Sílvia. *A Carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 79-80. [Fragmento]

A influência da *Carta de Caminha* é perceptível não apenas nas produções literárias posteriores ao Quinhentismo, mas também na pintura. A exemplo, veja-se o quadro *Primeira missa no Brasil*, do pintor Victor Meirelles, criado cerca de 360 anos após o acontecimento da primeira missa. A obra de Meirelles, a seguir, exemplifica a influência da *Carta de Caminha* na produção ufanista divulgada pelo Romantismo do século XIX.



Domínio Público

MEIRELES, Vitor. *Primeira missa no Brasil*. 1860. Óleo sobre tela, 268 x 356 cm. Museu Nacional de Belas Artes (MnBA), Rio de Janeiro.

Além da *Carta de Caminha*, outros autores e obras passaram a ser muito estudados a partir do Modernismo brasileiro, outro período histórico em que se procurou fazer um levantamento e mapeamento da tradição literária brasileira desde a sua colonização. Merecem destaque, nesse sentido, alguns trabalhos como: *O diário de navegação*, de Pero Lopes e Sousa, *o Tratado da terra do Brasil* e *a História da província de Santa Cruz*, a que vulgarmente chamam Brasil, de Pero de Magalhães Gândavo, *a Narrativa epistolar* e *os Tratados da terra e da gente do Brasil*, do jesuíta Fernão Cardim, *o Diálogo sobre a Conversão dos Gentios*, do Pe. Manuel da Nóbrega, *Tratado descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa. Todos esses textos apresentam um forte teor descritivo e de caráter "científico" e "historiográfico". Veja o seguinte e clássico trecho da obra de Gândavo:

A língua deste gentio toda pela Costa he, huma: carece de três letras – *scilicet*, não se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assi não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente.

Estes índios andam nus sem cobertura alguma, assi machos como fêmeas; não cobrem parte nenhuma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. p. 52. [Fragmento]

LITERATURA DE CATEQUESE



Recebem essa denominação os textos escritos por clérigos com a finalidade de converter os indígenas brasileiros ao cristianismo. Quanto a essa literatura escrita pelos jesuítas, merece destaque o trabalho poético – e, principalmente, dramático – desenvolvido pelo Padre Anchieta, que veio para o Brasil em 1553 com a tarefa de participar do processo de catequização dos índios. A obra de Anchieta, como um todo, é composta por cartas, próximas à estrutura das crônicas da época, nas quais ele descreve os costumes dos índios, por poemas religiosos e por peças teatrais, geralmente autos.

O teatro de Anchieta tornou-se o mais consagrado gênero por ele praticado, tendo em vista a eficácia catequética, a astúcia linguística e persuasória de tais textos. Anchieta, aos poucos, acrescentava ao tupi e às entidades religiosas indígenas, com os quais ele estruturava suas peças, vocábulos do português e demonstrações da fé cristã para que, dessa forma, os índios fossem “encenando” a verdadeira fé que teriam de viver. Assim, Anchieta fez, nos diálogos de seus autos, com que Tupã e Anhangá convivessem com Deus, a Virgem Maria e os santos católicos.

A obra de Anchieta alinha-se à visão teocêntrica e catequética dos jesuítas, característica que se percebe em seu poema intitulado “Do Santíssimo Sacramento”. Os versos em questão são marcados por tom devocional, lembrando uma oração. Leia-o.

Ó que pão, ó que comida,
ó que divino manjar
se nos dá no santo altar
cada dia!

Filho da Virgem Maria
que Deus-Padre cá mandou
e por nós na cruz passou,
crua morte,

e para que nos conforte
se deixou no sacramento
para dar-nos, com aumento,
sua graça,

esta divina fogaça
é manjar de lutadores
Galardão de vencedores
esforçados,

deleite de namorados,
que, co’o gosto deste pão deixam
a deleitação transitória.

Quem quiser haver vitória do falso contentamento,
goste deste sacramento
divinal.

Este dá vida imortal,
este mata toda fome,
porque nele Deus e homem
se contêm.

É fonte de todo bem,
da qual quem bem se
embebeda
não tenha medo da queda
do pecado.

ANCHIETA, José de. *Poesias*: manuscrito do século XVI, em português, castelhano, latim e tupi. Transcrições, trad. e notas M. de L. de Paula Martins. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade, 1954.

No poema, o sacrifício de Cristo é comparado a um alimento (fogaça) para os lutadores e esforçados, os quais, ao se absterem dos prazeres passageiros do mundo terreno, encontrariam a vida eterna e teriam fome e sede espirituais e terrenas saciadas.

E se nossa história fosse contada sob o ponto de vista de um indígena?

Diferentemente de como é retratada pelos cronistas, a história das colonizações está longe de ser amistosa, especialmente, no que diz respeito aos primeiros contatos entre os europeus e os povos indígenas. Essa revisão da narrativa histórica é explorada pela série documental *Guerras do Brasil. Doc.*, 2018. Dirigido por Luiz Bolognesi, o documentário relembra os principais conflitos armados brasileiros. O primeiro episódio, intitulado “As Guerras da Conquista”, relembra que a formação do Brasil é de origem violenta, já que a invasão dos portugueses, há mais de 500 anos, foi responsável pela dizimação dos indígenas. O episódio é construído, principalmente, por meio de entrevistas com lideranças indígenas, dentre elas estão Ailton Krenak e Sonia Guajajara, que revelam como, ainda hoje, há uma luta para a conservação da identidade e do território desses povos no país.

A série foi disponibilizada, a partir de 2019, pela Netflix.

RELEITURAS

As crônicas do século XVI foram de suma importância para a construção da identidade nacional no século XIX, à época da Independência do Brasil. De fato, a *Carta de Pero Vaz de Caminha* é considerada, por muitos historiadores, como um dos principais elementos do mito fundador do país, e suas ideias continuam sendo símbolos de referência para a construção de nossa autoimagem.

A existência de uma terra paradisíaca, situada a oeste do mundo conhecido até então, é mencionada em diversos escritos medievais ou mesmo em registros anteriores. Na Bíblia, esse local é referenciado no livro do Gênesis, no qual é descrito como uma terra de leite e mel, banhada por rios cujos leitões são ricos em pedras preciosas.

Além do Éden bíblico, outra menção significativa é a da existência de ilhas afortunadas ou bem-aventuradas, também localizadas no Oriente, que seriam um lugar abençoado, onde reinariam a juventude e a primavera eternas e onde animais e homens conviveriam em harmonia. Os fenícios denominavam esse lugar de **Braaz**, e os monges irlandeses denominavam-no **Hy Brazil**; mapas que datam do século XIV, portanto anteriores ao descobrimento, já registravam a existência de uma possível terra chamada Insulla de Brazil ou Isola de Brazil.

Quando Pedro Álvares Cabral chegou à Bahia, a correspondência entre a terra recém-descoberta e o paraíso terrestre de que falavam os antigos registros foi imediata. A descrição da nova terra, tal como se apresenta na *Carta de Caminha*, não é, portanto, arbitrária. A referência à vastidão do território, à fauna e à flora exuberantes, à fertilidade do solo, à abundância das águas, à inocência e à pureza dos nativos apenas confirma o ideal paradisíaco do europeu à época do Renascimento e das grandes navegações. E é justamente essa associação entre o Brasil e o paraíso perdido que será apropriada por diversos escritores e poetas ao longo da história para a construção da identidade nacional.

Os escritores românticos, como veremos com mais detalhes posteriormente, construirão o nacionalismo de seus textos sobretudo por meio da exaltação das belezas naturais sem precedentes do "Brasil-Jardim", enfim, desse país que possui paisagens incomparáveis. É o que se pode perceber pelo famoso poema de Gonçalves Dias, "Canção do exílio":

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

DIAS, Gonçalves. *Canção do exílio*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000100.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2019. [Fragmento]

Esses versos, que evidenciam como, na visão dos românticos, a natureza brasileira apresenta superioridade incontestável, serão retomados mais tarde para a própria composição do Hino Nacional.

Além do Hino, outro símbolo nacional que se apropria da descrição da natureza paradisíaca do Brasil, tal como ela aparece na *Carta*, é a bandeira. Marilena Chauí lembra que as bandeiras surgidas após a Revolução Francesa tendem a ser tricolores e a representar lutas políticas ou a narrar eventos históricos do país. No entanto, o auriverde pendão brasileiro é quadrangular, e seu simbolismo recai sobre o enaltecimento das riquezas naturais, representadas pelo verde das matas, pelo amarelo do ouro e pelo céu estrelado.

É ainda a concepção do "Brasil-paraíso", ditada na *Carta*, que permanece na criação de alguns versos de nossa música popular:

Moro num país tropical
Abençoado por Deus
e bonito por natureza,
mas que beleza

BEN JOR, Jorge. País Tropical. In: *Dádiva*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1983. 1 CD. [Fragmento]

Se, por um lado, muitos artistas se apropriaram da *Carta de Caminha* para criar uma imagem ufanista do país, por outro, muitos se utilizaram dela para desconstruir e reconstruir o passado nacional, refletindo criticamente sobre o nosso processo de colonização. Poetas da Primeira Geração do Modernismo, como Oswald de Andrade, em *Pau-Brasil*, ou Murilo Mendes, em *História do Brasil*, serão pródigos nessa prática. Veja o poema a seguir:

Pero Vaz Caminha

Oswald de Andrade

A DESCOBERTA

Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava da Páscoa
Topamos aves
E houvemos vista de terra

OS SELVAGENS

Mostraram-lhes uma galinha
Quase haviam medo dela
E não queriam pôr a mão
E depois a tomaram como espantados

PRIMEIRO CHÁ

Depois de dançarem
Diogo Dias
Fez o salto real

AS MENINAS DA GARE

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha

PERO VAZ CAMINHA – In: *Poesias Reunidas*, de Oswald de Andrade, Companhia das Letras, São Paulo © by herdeiros de Oswald de Andrade.

Nesse poema, o texto da Carta de Caminha permanece praticamente inalterado, mas a simples escolha de algumas passagens da Carta tem em si um propósito de chamar a atenção para aspectos específicos do texto de Caminha. Veja-se, por exemplo, a associação das índias às “meninas da gare”, que evidencia a crítica do poeta. “Gare”, no português lusitano, é estação de metrô. Assim, as meninas da gare são uma referência às prostitutas. Ao comparar as nativas às prostitutas, o poeta desmascara o discurso do colonizador, revelando seus propósitos sexuais; o fato de se atribuir uma inocência pueril às habitantes da terra não impediu que o colonizador visse nelas uma possibilidade de desfrutar o prazer carnal, o que se confirmaria ao longo da história.

A reconstrução paródica do “descobrimento” do Brasil no cinema brasileiro

Aos moldes da leitura paródica feita dos textos do Quinhentismo por alguns autores do Modernismo, o filme *Caramuru – A Invenção do Brasil*, 2001, dirigido por Guel Arraes, estabelece um diálogo com os episódios e os personagens históricos do “descobrimento” do Brasil de forma crítica e humorística. A comédia é centrada na vida de Diogo Álvares, um pintor português responsável por ilustrar mapas de navegação. Após ser vítima de um golpe, o protagonista é punido com a deportação em uma caravela que teria como destino as Índias. Remetendo à narrativa histórica, a embarcação naufraga no litoral brasileiro, onde Diogo começa uma nova vida ao lado de Moema e Paraguaçu (duas nativas) e, mais tarde, se torna o primeiro rei do Brasil sob o nome de Caramuru.

Ecoss dessa paródia modernista são percebidos na literatura contemporânea. Como exemplo disso, veja estes poemas do escritor Frederico Barbosa, utilizados na criação do seu “Grande teatro dos sentidos”:

12

Nem lavram nem criam

nem boi nem vaca nem ovelha nem cabra nem galinha
nem outra nenhuma alimária de casa
só esse inhame
e o que a terra grata dá lhes mata a fome
e como comem

© Frederico Barbosa por azpi propriedade intelectual.

13

Flr

comem-se por vingança
devoram até crianças
fazem farinha de gente
na sua nudez inocente

© Frederico Barbosa por azpi propriedade intelectual.

Nesses poemas, o texto do escrivão é preservado, exceto pelo fato de que Barbosa omite o trecho em que Caminha exalta o porte físico e a saúde dos nativos, a despeito de sua alimentação ser composta, essencialmente, pelo “inhame que a terra dá”. Esse trecho é substituído, no poema de Barbosa, pela referência ao ritual de antropofagia, incompreendido pelo europeu colonizador, que o concebia como ato de vingança (“comem-se por vingança”) ou de covardia (“devoram até criança”). O poema traz implícita uma crítica à concepção eurocêntrica de mundo, que torna o colonizador incapaz de compreender culturas distintas da europeia.



PARA REFLETIR

A voz silenciada na literatura brasileira: o escritor indígena

Tema recorrente em textos da nossa literatura, o escritor indígena ainda é negligenciado no cânone literário brasileiro. Isso porque, como você pode observar por meio de sua experiência de leitor, raramente a narrativa dos povos indígenas é retratada sob a perspectiva deles. No entanto, essa população é responsável por uma vasta e milenar tradição de textos orais que nos oferece uma nova leitura da formação da identidade brasileira e, conseqüentemente, da nossa história. A partir das obras literárias indígenas, que emergem, sobretudo, na contemporaneidade, surgem outras versões de Brasil.

Nelas, há um novo arquivamento que busca documentar criticamente a tentativa europeia de apagamento das culturas dos povos ameríndios e que coloca as comunidades indígenas como protagonistas da história do continente. Nesse sentido, merece destaque a publicação de *A terra dos mil povos*: história indígena brasileira contada por um índio, 1998. A obra, de Kaka Werá Jecupé, abarca, dentre outros aspectos, uma síntese cronológica da história indígena brasileira, que se inicia muito antes de 1500.

Perceba, neste trecho da obra citada, a representação que é feita acerca do “ser índio” e compare-a com aquela feita pelas crônicas de viagem escritas por europeus:

Então, o que é o índio, para o índio? Eu vou responder conforme me foi ensinado pelos meus avós [...], passado de boca a boca com a responsabilidade do fogo sobre a noite estrelada, e através das cerimônias e encontros por que tenho passado com os ancestrais na terra e no Sonho.

Para aprender o conhecimento ancestral, o índio passa por cerimônias, que são celebrações e iniciações para limpar a mente e para compreender o que nós chamamos de tradição, que é aprender a ler os ensinamentos registrados no movimento da natureza interna do Ser. O ensinamento da tradição começa sempre pelo nome das coisas e do modo pelo qual são nomeadas. [...].

Para o índio, toda palavra possui espírito. [...]

Em essência, um índio é um ser humano que teceu e desenvolveu sua cultura e civilização ligado à natureza. A partir dela, elaborou tecnologias, teologias, cosmologias, sociedades, que nasceram e se desenvolveram de experiências, vivências e interações com a floresta, o cerrado, os rios, as montanhas e as respectivas vidas dos reinos animal, mineral e vegetal.”

JACUPÉ, Kaka Werá. *A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis, 1998. p. 12-13. [Fragmento]

A reconstrução da identidade indígena brasileira é tema também da poética de Eliane Potiguara. Como pode ser visto no excerto a seguir, a escritora une lirismo e criticidade na construção de seu texto:

PANKARARU

Sabem, meus filhos...

Nós somos marginais das famílias

Somos marginais das cidades

Marginais das palhoças...

E da história?

Não somos daqui

Nem de acolá...

Estamos sempre ENTRE

[...].

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. Lorena: DM, 2018. p. 62. [Fragmento]

No poema, cujo título já apresenta uma referência a uma tribo indígena brasileira, há um eu lírico que canta em nome de uma coletividade, de um povo. Isso é traduzido, sobretudo, pelo uso vocativo “meus filhos”, a quem a voz poética se dirige. Ao se colocar como marginal das cidades, das palhoças e da própria narrativa histórica, o eu poemático deixa evidente o conflito construído em torno da própria identidade, que é marcada pela ausência de representatividade e pela violação dos direitos. Em decorrência do passado de colonização, o texto problematiza o que seria, hoje, o lugar do indígena na sociedade. Por isso, colocando-se na condição de “entre-lugar”, o eu lírico, ao mesmo tempo em que denuncia sua não acomodação no mundo ocidental ou no indígena, lança a ideia de que a literatura é o espaço de busca, de refúgio, para compreender qual seria esse território ocupado por sua comunidade.



700S

Quinhentismo

Assista a essa videoaula para conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico e as obras do Quinhentismo no Brasil.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



01. (UESPI) A literatura informativa, que esteve presente nos primeiros tempos da colonização brasileira, pode ser definida como

- A) obras catequéticas dirigidas aos índios.
- B) busca de emancipação da influência portuguesa.
- C) descrição dos costumes dos povos da terra.
- D) confirmação do paganismo dos primeiros colonizadores.
- E) descrição do muito ouro e da muita prata existentes no Brasil.

02. (UFAM) Marque a opção que não se relaciona, direta ou indiretamente, ao período em que aconteceu a chamada literatura dos viajantes e dos jesuítas.

- A) As obras dessa fase refletem certos aspectos da realidade brasileira, evidenciando traços de uma consciência nacional.
- B) As concepções medievais perdem espaço para os novos conceitos e valores fundados no ideário renascentista.
- C) Esse ciclo da literatura brasileira correspondeu ao momento inicial da colonização de nosso país.
- D) Os textos corresponderam à necessidade de informações que confirmassem a viabilidade econômica da empresa colonial.
- E) Viveu-se um período de delírio e espírito aventureiro, com a “descoberta” de novas terras e povos tidos como exóticos.

03. (UFV-MG) Leia a passagem a seguir:

É preciso relativizar a ideia de o Brasil ter sido descoberto por Pedro Álvares Cabral. Com a chegada dos navegadores portugueses, não ocorreu propriamente um descobrimento. Antes deles, o atual território brasileiro era habitado: estima-se a população indígena entre um e cinco milhões no Brasil de 1500. [...]

OLIVIERI, Antonio Carlos; VILLA, Marco Antonio. (org.) *Cronistas do século XVI: o Brasil na visão dos descobridores*. In: *Cronistas do descobrimento*. São Paulo: Ática, 2008. p. 3.

Qual informação presente na *Carta* de Pero Vaz de Caminha relaciona-se com a passagem anterior?

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (UESPI) Muitas são as formas fixas que foram cultivadas por Camões. Muitas dessas formas também foram praticadas por outros poetas do Quinhentismo português, a exemplo de Sá de Miranda e Antônio Ferreira. Assim, dentre as formas literárias que compõem a poética de Camões, quais não podemos assinalar como cultivadas pelo poeta?



- A) Odes e elegias. D) Redondilhas e epopeia.
 B) Figurados e canto real. E) Canções e sextinas.
 C) Oitavas e écoglas.

02. (UFAM) Caracterizam a literatura dos viajantes as afirmativas a seguir, exceto

- A) Os escritos dos viajantes refletem a visão, os conceitos e os interesses dos europeus em relação às terras do além-mar.
 B) Observa-se a necessidade de informar a Coroa portuguesa sobre as potencialidades econômicas da nova terra.
 C) O conjunto do registro dos viajantes tem, sobretudo, valor documental e histórico.
 D) As crônicas dos viajantes surgiram como o desdobramento de um processo de mudanças estruturais na Europa.
 E) Havia, por parte dos cronistas, uma preocupação estética, um apuro literário formal.

03. (IFSP) Leia um trecho do poema "Ilha da Maré", do escritor brasileiro Manuel Botelho de Oliveira.

E, tratando das próprias, os coqueiros,
 galhardos e frondosos
 criam cocos gostosos;
 e andou tão liberal a natureza
 que lhes deu por grandeza,
 não só para bebida, mas sustento,
 o néctar doce, o cândido alimento.
 De várias cores são os cajus belos,
 uns são vermelhos, outros amarelos,
 e como vários são nas várias cores,
 também se mostram vários nos sabores;
 e criam a castanha,
 que é melhor que a de França, Itália, Espanha.

COHN, Sergio. *Poesia.br*. Rio de Janeiro: Azougue, 2012.

Podemos relacionar os versos desse poema ao Quinhentismo Nacional, pois

- A) o eu lírico repudia a presença de colonizadores portugueses em nossa terra.
 B) a fauna e a flora tropicais são descritas de maneira minuciosa e idealizada.
 C) o poeta enriqueceu devido à exportação de produtos brasileiros para a metrópole.
 D) a exuberância e a diversidade da natureza tropical são exaltadas pelo poeta.
 E) a natureza farta e bela é o cenário onde ocorrem os encontros amorosos do eu lírico.

04. (IFSP) Leia, a seguir, o fragmento da *História da Província de Santa Cruz*, de Pero de Magalhães Gândavo, para responder à questão.

Finalmente que como Deus tenha de muito longe esta terra dedicada à cristandade, e o interesse seja o que mais leva os homens trás si que nenhuma outra coisa haja na vida, parece manifesto querer entretê-los na terra com esta riqueza do mar até chegarem a descobrir aquelas grandes minas que a mesma terra promete, para que assim desta maneira tragam ainda toda aquela bárbara gente que habita nestas partes ao lume e ao conhecimento da nossa santa fé católica, que será descobrir-lhe outras minas maiores no céu, o qual nosso Senhor permita que assim seja, para glória sua, e salvação de tantas almas.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *História da Província de Santa Cruz*. Organização de Ricardo Martins Valle. Introdução e notas de Ricardo Martins Valle e Clara Carolina Souza Santos. São Paulo: Hedra, 2008. p. 115.

- A leitura atenta do texto permite afirmar que
- nos textos de informação estavam consorciados o projeto de exploração das novas terras descobertas e o de difusão da fé cristã.
 - o autor julga desinteressante a perspectiva de exploração mercantil do Brasil, preferindo a ela o projeto de difusão da fé cristã.
 - o autor condena os homens ambiciosos e interesseiros, que preferem a exploração mercantil ao projeto abnegado de difusão da fé cristã.
 - o autor condena a hipocrisia dos que afirmam empreender em nome da fé cristã, mas que apenas se interessam pelas "grandes minas" a descobrir.
 - havia discrepância e dissenso entre o projeto de exploração das novas terras descobertas e o de difusão da fé cristã.

05. (UCS-RS) Com base na *Carta do Achamento*, de Pero Vaz de Caminha, considere as seguintes afirmações.

- Na *Carta*, o escrivão Caminha descreve o descobrimento de uma nova terra, chamando a atenção para a beleza natural, a fertilidade, a cordialidade dos índios e as riquezas.
- No texto, é possível perceber um dos objetivos da expansão marítima de Portugal: catequização dos gentios para a ampliação do mundo cristão.
- A *Carta*, um dos relatos que fazem parte da literatura informativa sobre o Brasil, é considerada mais um documento histórico do que uma obra literária.

Das afirmativas anteriores, pode-se dizer que

- apenas I está correta.
- apenas III está correta.
- apenas I e II estão corretas.
- apenas II e III estão corretas.
- I, II e III estão corretas.

06. (UFV) Sobre a Literatura de Informação, considerada como o conjunto de manifestações das letras no Brasil colônia, assinale a afirmativa incorreta.

- Recebe, na historiografia literária, a terminologia de Quinhentismo, pois os escritos foram frutos das conquistas marítimas portuguesas, ocorridas por volta de 1500.
- É constituída de relatos feitos por viajantes navegadores portugueses, com o objetivo de descrever a terra "descoberta", sua natureza e seus habitantes.
- Possui valor histórico, porque preserva fontes riquíssimas de informação sobre o olhar do colonizador europeu em relação ao Brasil.
- É caracterizada, essencialmente, por apresentar textos dissertativos constituídos de argumentações jesuíticas em prol da civilização e costumes do índio.

07. (UFV) Leia as primeiras estrofes do poema que se segue, de autoria do Padre José de Anchieta:

À Santa Inês

Cordeirinha linda,
Como folga o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Cordeirinha santa,
De Jesus querida,
Vossa santa vida
O Diabo espanta.
Por isso vos canta
Com prazer o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

[...]

GONÇALVES, Maria Magaly Trindade (org.).
Antologia escolar de literatura brasileira: poesia e prosa.
São Paulo: Musa Editora, 1998. p. 27.

É incorreto afirmar que as estrofes acima apresentam:

- Trabalho artístico com a palavra
- Aspecto puramente religioso
- Recursos da linguagem poética
- Tema da religiosidade cristã

08. (UFAM) Os enunciados a seguir se referem de modo correto à literatura dos viajantes ou dos jesuítas, exceto

- Em sua *Carta de achamento*, Caminha descreve o aspecto físico dos índios, a ausência de preconceito com o próprio corpo e o espanto do colonizador com a naturalidade com que andavam, sem nada a cobrir-lhes os órgãos genitais.
- As crônicas dos viajantes e a produção dos jesuítas surgem como desdobramento de todo um processo de rupturas com a mentalidade europeia dos séculos XV e XVI, ainda predominantemente medieval.
- Gabriel Soares de Sousa, no *Diálogo sobre a conversão do gentio*, apresenta os aspectos positivos e negativos do índio, do ponto de vista de sua abertura para a conversão ao cristianismo.
- Manuel da Nóbrega estruturou sua principal obra à maneira de uma conversa entre dois interlocutores: Gonçalo Álvares, curador de índios, e Mateus Nogueira, ferreiro da Companhia de Jesus.
- O jesuíta José de Anchieta produziu, além de peças teatrais com o objetivo de catequizar os índios, textos poéticos em que, ao lado do elemento religioso, observam-se intenções estéticas.

09.



(UFAM) Leia os trechos a seguir, pertencentes à *Carta de Pero Vaz de Caminha*:

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado. Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correa e nós outros que aqui na nau com ele vamos, sentados no chão, pela alcatifa. Acenderam-se tochas. Entraram.

Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo que o capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela; não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados.

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo.

Sobre o texto anterior, fazem-se as seguintes afirmativas:

- I. O cronista procura valorizar o cristianismo, ideologia que seria um dos braços da colonização, mediante referência ao interesse do gentio pelo rosário.
- II. Caminha registra pormenores em ritmo sincopado ("Acenderam-se tochas. Entraram."), o que mostra o literato latente que havia nele.
- III. Com as referências à existência de ouro e prata em terra, Caminha procura despertar o interesse do rei de Portugal, D. Manuel.
- IV. O carneiro e a galinha eram animais que os portugueses traziam para a sua alimentação a bordo e que não existiam no Brasil.
- V. Como escrivão da frota de Cabral, a quem chama de Capitão, Caminha procurou ser fiel à realidade, a fim de bem informar a Coroa Portuguesa.

Assinale a alternativa correta.

- A) Somente as afirmativas I, II e V estão corretas.
- B) Somente as afirmativas I, III e IV estão corretas.
- C) Somente as afirmativas II, III e IV estão corretas.
- D) Somente as afirmativas II, III e V estão corretas.
- E) Todas as afirmativas estão corretas.

10.

(UFSM) Sobre a literatura produzida no primeiro século da vida colonial brasileira, é correto afirmar que:

- A) É formada principalmente de poemas narrativos e textos dramáticos que visavam à catequese.
- B) Inicia com *Prosopopeia*, de Bento Teixeira.
- C) É constituída por documentos que informam acerca da terra brasileira e pela literatura jesuítica.
- D) Os textos que a constituem apresentam evidente preocupação artística e pedagógica.
- E) Descreve com fidelidade e sem idealizações a terra e o homem, ao relatar as condições encontradas no Novo Mundo.

11.

(EsPCEX-SP) Em relação ao momento histórico do Quinhentismo brasileiro, podemos afirmar que

- A) a Europa do século XVI vive o auge do Renascimento, com a cultura humanística recrudescendo os quadros rígidos da cultura medieval.
- B) o século XVI marca também uma crise na Igreja: de um lado, as novas forças burguesas e, de outro, as forças tradicionais da cultura medieval.
- C) os dogmas católicos são contestados nos tribunais da Inquisição (livros proibidos) e no Concílio de Trento, em 1545.
- D) o homem europeu estabelece duas tendências literárias no Quinhentismo: a literatura conformativa e a literatura dominicana.
- E) a política das grandes navegações coíbe a busca pela conquista espiritual levada a efeito pela Igreja Católica.

12.

VFNW



(PUC-Campinas-SP-2017) Do Brasil descoberto esperavam os portugueses a fortuna fácil de uma nova Índia. Mas o pau-brasil, única riqueza brasileira de simples extração antes da "corrida do ouro" do início do século XVIII, nunca se pôde comparar aos preciosos produtos do Oriente. [...] O Brasil dos primeiros tempos foi o objeto dessa avidez colonial. A literatura que lhe corresponde é, por isso, de natureza parcialmente superlativa. Seu protótipo é a carta célebre de Pero Vaz de Caminha, o primeiro a enaltecer a maravilhosa fertilidade do solo.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 3-4.

Uma vez que se considere que o conceito de literatura, compreendida como um autêntico sistema, supõe a presença ativa de escritores, a publicação de obras e a resposta de um público, entende-se que

- I. ainda não ocorreu no Brasil a vigência plena de um sistema literário, capaz de expressar aspectos mais complexos de nossa vida cultural.

- II. os primeiros documentos informativos sobre a terra a ser colonizada devem ser vistos como manifestações literárias esparsas, ainda não sistemáticas.
- III. a carta de Caminha e os textos dos missionários jesuíticos fazem ver desde cedo a formação de um maduro sistema literário nacional.

Atende ao enunciado o que está apenas em

- A) I.
B) II.
C) III.
D) I e II.
E) II e III.

13. (UERJ)

NJTR



Disponível em: veja1.abrilm.com.br. 22 jul. 2013.

De forma especial, queria que esse mandato ressoasse em vocês, jovens da Igreja na América Latina, comprometidos com a Missão Continental promovida pelos Bispos. Este continente recebeu o anúncio do Evangelho, que marcou o seu caminho e produziu muito fruto. Agora este anúncio é confiado também a vocês, para que ressoe com uma força renovada. A Igreja precisa de vocês, do entusiasmo, da criatividade e da alegria que os caracterizam! Um grande apóstolo do Brasil, o Bem-aventurado José de Anchieta, partiu em missão quando tinha apenas dezenove anos! Sabem qual é o melhor instrumento para evangelizar os jovens? Outro jovem! Este é o caminho a ser percorrido por vocês.

PAPA FRANCISCO. Disponível em: estadoa.com.br. 28 jul. 2013 (Adaptação).

A visita do papa Francisco ao Brasil, em julho de 2013, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, mobilizou milhares de fiéis, representando valores e práticas do projeto missionário da Igreja Católica para a América Latina. No texto, a menção a José de Anchieta aponta para outra época da ação da Igreja: a colonização da América Portuguesa no século XVI. Explícite o principal objetivo do projeto missionário da Igreja Católica no século XVI.

14. (UESC-BA) Leia os textos a seguir:

Texto I

Tudo parece indicar que, em sua devoção à catequese, os jesuítas não partiam do respeito às tendências naturais do índio brasileiro. Ao contrário dos franciscanos, não souberam acatar-lhe os costumes, consentir-lhe na liberdade, aproveitar-lhe os talentos. Desprezavam as suas disposições para certos ofícios em troca de uma vã tentativa de fazê-los letrados; obstinaram-se em sujeitar os homens de cultura paleolítica a um ensino altamente acadêmico. Como era natural, os resultados eram com frequência desencorajadores, para desespero dos padres. Anchieta acha os silvícolas "sem engenho", desenganado, chega a recomendar "espada e vara de ferro, que é a melhor pregação". Quanto a Nóbrega, seu desabafo é franco: "São tão bestiais, que não lhes entra no coração coisa de Deus".

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 7.

Texto II

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E, portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar, aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, a qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles todo e qualquer cunho que lhes quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o fato de Ele nos haver até aqui trazido, creio que não o foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar à santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E aprazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim!

CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*.
Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 94.

A *Carta* apresenta o objetivo do colonizador de dominar culturalmente o nativo. Compare a expectativa do escrivão a respeito desse processo com os dados apresentados por Merquior no texto I, observando se os prognósticos de Pero Vaz de Caminha, expressos no texto II, foram concretizados na prática da catequese. (15 linhas)

- 15.** Comente o caráter epistolar e metalinguístico do início da *Carta de Pero Vaz de Caminha* enviada ao Rei Dom Manuel. (12 linhas)

Posto que o capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães, escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que nesta navegação agora se achou, não deixarei também de dar minha conta disso a Vossa Alteza, o melhor que eu puder, ainda que, para o bem contar e falar, o saiba fazer pior que todos. Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para alindar nem afeiar, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu. Da marinhagem e singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado. Portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo [...]

- 16.** (UFMG) Com base na leitura da *Carta de Pero Vaz de Caminha*, redija um texto analisando dois fatos que revelam diferenças culturais relatadas na obra. (10 linhas)

SEÇÃO ENEM

- 01.** (Enem) Ao se apossarem do novo território, os europeus ignoraram um universo de antiga sabedoria, povoado por homens e bens unidos por um sistema integrado. A recusa em se inteirar dos valores culturais dos primeiros habitantes levou-os a uma descrição simplista desses grupos e à sua sucessiva destruição.

Na verdade, não existe uma distinção entre a nossa arte e aquela produzida por povos tecnicamente menos desenvolvidos. As duas manifestações devem ser encaradas como expressões diferentes dos modos de sentir e pensar das várias sociedades, mas também como equivalentes, por resultarem de impulsos humanos comuns.

SCATAMACHIA, M. C. M. In: AGUILAR, N. (org.). *Mostra do redescobrimto: arqueologia*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo; Associação Brasil 500 anos artes visuais, 2000.

De acordo com o texto, inexistente distinção entre as artes produzidas pelos colonizadores e pelos colonizados, pois ambas compartilham o(a)

- A) suporte artístico.
B) nível tecnológico.
C) base antropológica.
D) concepção estética.
E) referencial temático.
- 02.** (Enem) Murilo Mendes, em um de seus poemas, dialoga com a carta de Pero Vaz de Caminha:

A terra é mui graciosa,
Tão fértil eu nunca vi.
A gente vai passear,
No chão espeta um caniço,
No dia seguinte nasce
Bengala de castão de ouro.
Tem goiabas, melancias,
Banana que nem chuchu.
Quanto aos bichos, tem-nos muito,
De plumagens mui vistosas.
Tem macaco até demais
Diamantes tem à vontade
Esmeralda é para os trouxas.
Reforçai, Senhor, a arca,
Cruzados não faltarão,
Vossa perna encanareis,
Salvo o devido respeito.
Ficarei muito saudoso
Se for embora daqui.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Arcaísmos e termos coloquiais misturam-se nesse poema, criando um efeito de contraste, como ocorre em:

- A) A terra é mui graciosa / Tem macaco até demais
- B) Salvo o devido respeito / Reforçai, Senhor, a arca
- C) A gente vai passear / Ficarei muito saudoso
- D) De plumagens mui vistosas / Bengala de castão de oiro
- E) No chão espeta um caniço / Diamantes tem à vontade

03. (Enem)

Brasil

O Zé Pereira chegou de caravela
 E perguntou pro Guarani da mata virgem
 – Sois cristão?
 – Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
 Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
 Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
 O negro zonzo saído da fornalha
 Tomou a palavra e respondeu
 – Sim pela graça de Deus
 Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
 E fizeram o Carnaval

Oswald de Andrade

Esse texto apresenta uma versão humorística da formação do Brasil, mostrando-a como uma junção de elementos diferentes. Considerando-se esse aspecto, é correto afirmar que a visão apresentada pelo texto é

- A) ambígua, pois tanto aponta o caráter desconjuntado da formação nacional, quanto parece sugerir que esse processo, apesar de tudo, acaba bem.
- B) inovadora, pois mostra que as três raças formadoras – portugueses, negros e índios – pouco contribuíram para a formação da identidade brasileira.
- C) moralizante, na medida em que aponta a precariedade da formação cristã do Brasil como causa da predominância de elementos primitivos e pagãos.
- D) preconceituosa, pois critica tanto índios quanto negros, representando de modo positivo apenas o elemento europeu, vindo com as caravelas.
- E) negativa, pois retrata a formação do Brasil como incoerente e defeituosa, resultando em anarquia e falta de seriedade.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

01. C
02. A
03. No trecho em questão, os autores questionam a ideia de que os portugueses tenham descoberto o Brasil, já que, quando estes chegaram, a população indígena habitava o território. Essa perspectiva relaciona-se com a carta de Caminha, uma vez que nela se narra o encontro dos portugueses com os indígenas brasileiros: "Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro. Então lançamos fora os batéis e esquifes, e vieram logo todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor, onde falaram entre si. E o Capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens. Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas."

Propostos

Acertei _____ Errei _____

01. B 04. A 07. B 10. C
02. E 05. E 08. C 11. B
03. D 06. D 09. E 12. B
13. Como instituição religiosa, a Igreja Católica desempenhou e ainda desempenha papel de destaque nas práticas sociais e culturais de diversas sociedades. No processo de conquista e colonização da América Portuguesa, no século XVI, a Igreja Católica, por meio de suas ordens religiosas, como a Companhia de Jesus, atuou decisivamente para a expansão do Império Ultramarino Lusitano. A catequese e a conversão das populações nativas à fé cristã complementaram os esforços de controle e ocupação dos territórios coloniais.
14. O texto I contraria os prognósticos do texto II. Na *Carta* de Caminha, o escrivão prevê que a catequização dos índios será fácil, que os nativos aceitarão de bom grado a religião cristã. No texto de Merquior, no entanto, encontram-se depoimentos de padres jesuítas, Nóbrega e Anchieta, nos quais os nativos são retratados como seres "bestiais" e "sem engenho", incapazes de aceitar "as coisas de Deus". As palavras dos padres jesuítas revelam o insucesso da pregação religiosa entre os índios resistentes ao catolicismo.
15. O uso de vocativo, data, despedida, a interlocução constante e a própria reflexão metalinguística compõem o caráter epistolar do texto. A metalinguagem se faz presente no início da *Carta*, quando Caminha discorre sobre a própria composição do texto; ele antecipa para seu interlocutor o conteúdo da missiva e tenta convencê-lo da fidelidade da sua narrativa.
16. São fatos que revelam diferenças culturais na *Carta* de Pero Vaz de Caminha e que podem ser analisados:
- A surpresa dos portugueses ante a nudez dos nativos, a qual é avaliada por Caminha como evidência de pureza e inocência, revelando que os dois povos não compartilhavam os mesmos valores e costumes morais.
 - As representações pictóricas nos corpos e os adornos usados pelos indígenas, que causam grande estranhamento nos portugueses, de acordo com o relato do missivista.
 - A interpretação de Caminha a respeito da inexistência de costumes religiosos entre os nativos em oposição à celebração de missas, à distribuição de rosários e cruzes e às preocupações catequéticas dos portugueses.
 - O medo e / ou indiferença dos nativos em relação aos animais domésticos que lhes foram mostrados, bem como a rejeição de alguns alimentos oferecidos a eles.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

01. C
02. A
03. A



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %